

Um estudo sobre as mudanças semânticas das lexias *banguela*, *freguesia*, *freguês* e *jornal*

A study on the semantic changes of lexias banguela, freguesia, freguês and jornal

Mayara Aparecida Ribeiro de Almeida*
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa**
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

RESUMO: A partir de perspectivas da Linguística Histórica e da Lexicologia, realizamos no presente trabalho um estudo referente a algumas unidades léxicas que sofreram mudanças semânticas no decorrer do tempo, sendo elas: *banguela*, *freguesia*, *freguês* e *jornal*. Para tanto, temos como *corpus* o *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII*, que se justifica pelo vasto acervo documental e pela variedade tipológica contemplada. Deste modo, nossa análise assenta-se nas definições presentes nos dicionários: Bluteau (1728), Silva (1789), Vieira (1871-1874), Houaiss e Villar (2011), Ferreira (2000) e Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII. Ademais, observamos, para além dessas obras, o contexto textual, bem como autores que tratam sobre essas palavras.

* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Araraquara. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão. Graduada em Letras (habilitação Português/ Inglês) pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Atualmente é integrante do projeto "Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás" sob coordenação da Professora Doutora Maria Helena de Paula e membro do GEPHPOR - Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (CNPq/UFG). E-mail: maycida20@gmail.com

** Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jahu Fundação Educacional de Jahu (1969), mestrado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara (1984) e doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara (1991). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: lexicografia, lexicologia, linguística histórica e semântica. E-mail: jtm.jau@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Histórica. Lexicologia. Mudanças semânticas.

ABSTRACT: From the perspectives of Historical Linguistics and Lexicology, in this work we carried out a study related to some lexical units that have undergone semantic changes over time, as follows: *banguela, freguesia, freguês e jornal*. For that, we have as corpus the *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII*, which is justified by the vast documentary collection and the typological variety contemplated. Thus, our analysis is based on the definitions present in the dictionaries: Bluteau (1728), Silva (1789), Vieira (1871-1874), Houaiss e Villar (2011), Ferreira (2000) e Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII. Moreover, we observe, in addition to these works, the textual context, as well as authors that deal with these words.

KEYWORDS: Historical Linguistics. Lexicology. Semantic changes.

Primeiras palavras

A língua é dinâmica e, em função dessa característica, está em constante variação, podendo culminar em uma mudança linguística, seja ela de natureza sintática, lexical, fonética, ortográfica, semântica, entre outros.

Pensando nisso, realizamos um estudo acerca de algumas unidades léxicas que sofreram mudanças semânticas no decorrer do tempo. Deste modo, convém salientar que se trata de uma pesquisa realizada na perspectiva da Linguística Histórica, a qual mais do que identificar as mudanças ocorridas, recorre ainda a fatores de ordem linguística e extralinguística para explicar tais transformações.

Relativo ao *corpus* utilizado, nos baseamos no *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII*, que se justifica pelo vasto acervo documental e pela variedade tipológica contemplada. Consoante Murakawa (2014), esse acervo reúne uma série de obras, como textos de missionários viajantes, diários de navegação, cartas de sesmarias, roteiros com descrição da fauna e flora brasileiras, descrições da geografia brasileira, cartas e sermões do Padre Vieira, cartas comerciais trocadas entre os comerciantes de Portugal e do Brasil etc.

Nossa motivação para propor tal análise surgiu das observações feitas ao longo de nossa trajetória acadêmica (especialmente no mestrado¹), em que, ao lidar com documentos manuscritos oitocentistas cartoriais e eclesiásticos, registrados na cidade de Catalão-Go e que tratavam particularmente de assuntos relacionados à escravidão de africanos e afrodescendentes, pudemos constatar que muitas lexias utilizadas nesse contexto detêm atualmente outros significados que pouco se assemelham aos seus sentidos primeiros. Em vista disso, selecionamos as unidades *banguela*, *freguesia*, *freguês* e *jornal* para serem analisadas.

Para tanto, nos baseamos nas definições apresentadas nos dicionários: Bluteau (1728), Silva (1789), Vieira (1871-1874), Houaiss e Villar (2011), Ferreira (2000) e no Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII (inédito). Fundamentando-nos, ainda, no contexto textual e em autores que dissertam sobre o significado dos itens lexicais selecionados e/ou que trazem informes alusivos à realidade em que eram empregados.

1 Linguística Histórica: um olhar para as mudanças na língua

A Linguística Histórica (LH) é entendida tradicionalmente como um campo de atuação da Linguística, responsável por estudar as mudanças da língua no decorrer do tempo, sendo elas de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântico-lexical.

Para Silva (2008), seu papel é mais abrangente do que essa visão clássica, podendo admitir duas grandes vertentes: a linguística histórica *lato sensu* e a linguística histórica *stricto sensu*. A primeira, como o próprio nome sugere, apresenta um campo de atuação amplo, referindo-se aos estudos que lidam com dados com período temporal e localização bem demarcados. Todas as pesquisas baseadas em *corpora* são exemplos desse tipo de LH.

¹ No mestrado desenvolvemos a pesquisa intitulada “Nas trilhas dos manuscritos: estudo lexical sobre a escravidão negra em Catalão-GO (1861-1887)”, em que analisamos, a partir da teoria dos campos lexicais, unidades léxicas referentes aos escravos e/ou que permitissem conhecer a realidade em que estavam submetidos, com o fito de compreender um pouco da história e cultura de Catalão, de modo particular, de homens e mulheres vítimas desse sistema de servidão.na

A segunda, por sua vez, é mais específica e exige o conhecimento das mudanças ocorridas no decorrer dos estados de uma língua em uso e de que forma elas ocorreram. Destarte, essa concepção estrita pode ser abordada pela: i) *linguística histórica sócio-histórica*, que considera tanto os fatores extralinguísticos como os intralinguísticos e pela ii) *linguística diacrônica associal*, abarcando unicamente os elementos intralinguísticos.

Sendo assim, insta ressaltar que a concepção de Linguística Histórica que utilizamos enquadra-se no primeiro tipo, por acreditarmos que o aspecto social inerente a língua também se faz extremamente importante na compreensão das modificações pelas quais ela passou.

Esse é o caso das unidades lexicais analisadas neste trabalho, cujas mudanças semântico-lexicais observadas no decurso do tempo se justificam por questões sociais e históricas e não podem ser explicadas unicamente por fatores linguísticos. Exemplo bem nítido dessa situação encontra-se na lexia *banguela*, que passou por uma mudança linguística ao longo dos anos, significando inicialmente uma etnia (referindo-se àqueles nascidos em Benguela) e sendo utilizada nos dias atuais para referenciar, principalmente, aqueles desprovidos de dentes.

Vale destacar que essa atenção especial para o aspecto social da língua surgiu posteriormente nos estudos linguísticos mediante a Sociolinguística, a qual entende que os aspectos sociais (tais como: sexo, escolaridade, faixa etária, entre outros) influem no desempenho linguístico de seus falantes, tornando possível haver variações e até mesmo mudanças na língua.

A respeito desses termos, nota-se que: enquanto na *variação* há variantes linguísticas em coexistência e competição em uma determinada comunidade de fala, na *mudança* tem-se uma variante que sobrepuja outras. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122):

A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta. A transferência parece ocorrer entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes; todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que domina seus anos pré-adolescentes.

Outrossim, os autores salientam que toda mudança implica em variação, mas nem toda variação e heterogeneidade linguística significam necessariamente que ocorrerá uma mudança na língua.

A respeito da metodologia de pesquisa utilizada para se empreender um estudo referente às mudanças e às variações de uma língua, a Sociolinguística nos apresenta o recurso do *tempo aparente* ou do *tempo real*.

De acordo com Conde Silvestre (2007), o estudo em *tempo aparente* objetiva reconstruir a evolução (diacronia) da língua e identificar suas mudanças com base em sua observação sincrônica. Essa observação é feita por meio da análise de dados linguísticos de falantes de diferentes faixas etárias, mas que pertencem à mesma comunidade de fala e vivem no mesmo ambiente.

A pesquisa em tempo aparente é realizada em duas etapas distintas. A primeira delas é a entrevista, para a qual devem ser selecionados falantes que representam todos os grupos de idade dessa comunidade. Na segunda etapa passa-se para a análise das variantes encontradas e de suas relações, podendo identificar ainda mudanças em curso na língua.

Outro método utilizado na identificação da mudança na língua é aquele feito em *tempo real*, um estudo diacrônico que observa o comportamento linguístico dos membros de uma determinada comunidade em diferentes momentos ao longo do tempo. Esse tipo de investigação pode ocorrer de duas maneiras diferentes: i) através da revisão de dados linguísticos do passado e sua comparação com dados que podem ser extraídos do presente ou ainda ii) por meio da replicação de um estudo feito no passado, em que novas entrevistas são feitas com os mesmos informantes (*estudo de painel*) ou com falantes que apresentam o mesmo perfil dos antigos entrevistados (*estudo de tendência*) (CONDE SILVESTRE, 2007).

Contudo, quando o estudo linguístico contempla estados da língua muito antigos, em que não há mais falantes, suas análises devem ser realizadas utilizando-se textos antigos, razão pela qual a Filologia é tão cara à Linguística Histórica.

Silva (2008) assinala que a Filologia pode ser compreendida como a “ciência do texto”, tendo em vista que seu objeto de estudo são os textos (podendo ser: inscrições, manuscritos e impressos) de natureza literária ou não. Essa ciência tem como uma de suas

principais funções recuperar o conteúdo de documentos através das edições, que se caracterizam pelo rigor filológico e pela oferta de versões fidedignas aos textos originais, isto é, que preservam os seus estados linguísticos. Assim sendo, a Filologia é necessária à Linguística Histórica porquanto oferta aos seus pesquisadores corpora confiáveis e indispensáveis para a verificação e a análise de mudanças linguísticas.

E é justamente pelo resultado de trabalhos desenvolvidos na área da Filologia que o presente trabalho pode ser realizado, pois o *corpus* utilizado para observar as mudanças léxicas no plano da significação é fruto de uma pesquisa que se preocupou em elaborar um banco de dados com textos fidedignos.

2 O léxico: um universo vasto de palavras e sentidos

De acordo com Biderman (2001, p. 179): “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”, porque ele abarca todos os conceitos de determinada língua; isto é, “Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. Isso implica que todas as descobertas do ser humano passam primeiro pelo plano da nomeação para que depois possam ser referenciadas. Todo o conhecimento de uma determinada comunidade, suas práticas culturais, seus conhecimentos de mundo, as descobertas e criações tecnológicas, a sua maneira de ver o mundo, são armazenados no léxico.

Do mesmo modo, outra característica muito importante do léxico está exatamente na sua imprecisão, devido ao fato de a língua ser viva e, por isso mesmo, passível de ampliações e alterações. No tocante a isso, Biderman (2001, p.179) pontua que:

As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Por consequência, assim como a língua, o léxico também está sujeito a modificações, tanto em relação aos seus significados – que podem se alterar no decorrer

do tempo –, como também referente ao item lexical utilizado, haja vista que novas palavras podem surgir para referenciar uma realidade já existente, enquanto outras podem entrar em desuso. É possível ainda que, com a perda de um referente (fato extralinguístico), algumas unidades deixem de ser empregadas pelos falantes de uma língua, tornando viável o seu desaparecimento.

Diante dessas considerações, fica evidente a importância e influência dos fatos sociais na língua, tal como defendido pela Sociolinguística. Por essa razão, podemos dizer que a língua, a história e a cultura estabelecem uma relação de interdependência. De um lado temos a história e a cultura que necessitam da língua para se concretizarem. De outra parte, a língua precisa desse referente extralinguístico para que tenha uma finalidade e possibilite a interação entre as pessoas.

Quanto às áreas de estudo possíveis na Lexicologia, Vilela (1994) ressalta que o estudo lexicológico tem por objetivo examinar as palavras a partir de vários aspectos, tais como: a etimologia, a morfologia e a semântica, motivo pelo qual a Lexicologia é a ciência da língua que se incumba de estudar as suas relações com os outros subsistemas linguísticos.

Sendo assim, partindo desses conceitos, convém destacar que o subsistema da língua com o qual estabelecemos relação nesse trabalho é a semântica, haja vista que nosso principal objetivo consiste em identificar os sentidos abarcados pelas lexias – *banguela, freguesia, freguês e jornal* – ao longo dos anos.

3 Uma breve análise dos itens lexicais *banguela, freguesia, freguês e jornal*

3.1 *Banguela*

Quadro 1- abonações para a lexia *banguela* e *banguela*.

Banguela	<p>E fe for Ieygo nobre, além da dita pena de excommunhaõ, & dinheyro, ferá degradado pela primeyra vez por dous annos para fóra do Arcebisfado: & fendo mais vezes comprehendido fe lhe aggravaráõ as penas conforme fua culpa pedir. E fendo plebeo fará penitencia publica na Igreja em hum Dorningo, ou dia Santo á Missa Cõventnal, & pagará dous mil reis, applicados na maneyra sobredita. E naõ podêdo pagar a pena pecuniaria fe lhe cõmutará na corporal que parecer; & fe reincidir na culpa, ferá degradado para S. Thomé, ou Banguela.</p> <p>(1920, OBRA IMPRESSA / 2006, REPRODUÇÃO DIGITAL) [1767], Nº 590 - DATA E SESMARIA DE MANOEL LOPES CABREIRA, DE TRES LEGUAS DE TERRA NO RIO SALGADO, CONCEDIDA PELO GOVERNADOR TENENTE CORONEL ANTONIO JOZÊ VICTORIANO BORGES DA FONSECA, EM 12 DE MAIO DE 1767 [A00_2466].</p> <p>No valor do escravo Domingos Camundongo noventa e cinco mil reis. 95\$000 No valor do escravo Domingos Cabundá cem mil reis 100\$000 No valor do escravo José official de Alfaiate Banguela cento e quarenta mil reis..140\$000 No valor do escravo Thomé crioulo sessenta mil reis 60\$000 No valor do escravo Ventura Sabará doze mil reis 12\$000 No valor do escravo Bernardo Xambá vinte mil reis 20\$000[...]</p> <p>DOMINGOS RODRIGUES BARREIROS (1936) [1791], CERTIDÃO DOS BENS QUE TOCARAM Á MENÇÃO DO SEQUESTRO DOUTOR IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO [A00_0228 p. 415].</p>
-----------------	---

Fonte: Banco de Dados do DHPB.

A primeira unidade lexical a ser tratada neste estudo é *banguela*, a qual aparece ainda sob as variantes *benguela* e *benguella* no *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII*.

Em consulta ao dicionário de Bluteau (1728, p. 103-104, v. 2), encontramos apenas a variante *benguela* referindo-se a uma “Região da Africa, na Ethiopia baixa na cofta do mar de Congo. Tem feo principio no Rio Quanfa, ou segundo a melhor opinião no Rio Longo, ou Rio Moreno, & feus limites na entrada do Reyno de Mata ão [...]”.

Em acorde com essa afirmativa, no *Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII* apresenta-se a seguinte definição para *benguela*: ““Relativo ou pertencente a povo de Benguela, na África” (DHPB, p.246-247, v.3).

Em Houaiss e Villar (2011), por sua vez, estão definidas as duas lexias: *benguela* e *banguela*. Na definição de *benguela* encontram-se três acepções estabelecidas a partir do critério de classe de palavras. Enquanto substantivo de dois gêneros, pode ser compreendida como uma unidade pertencente ao campo da Etnologia, uma vez que se

refere ao “indivíduo dos benguelas”. Informa-se ainda nessa acepção que *banguela* é uma variante dessa palavra.

Com relação a sua significação quando utilizada na função de adjetivo de dois gêneros, constata-se que seu significado é mantido, alterando-se apenas a classe gramatical com que é empregada, podendo significar tanto uma localidade quanto denominando aqueles que nasceram nesse mesmo local, tal como se ilustra no seguinte trecho: “relativo a benguela (acp 1) ou ao povo benguela; banguela”.

Contudo, novos sentidos são apresentados na terceira acepção, referente ao uso de *benguela* nas funções de adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros, vejamos: “menos us. que banguela (‘que ou quem não tem dentes’, ‘que ou quem articula mal’).

Há ainda mais uma acepção referente ao uso dessa lexia no plural (*benguelas*) e que desempenha a função de substantivo masculino plural, qual seja: “povo banto que habita a região de Benguela (Angola)”. Nota-se aqui uma especificação de uma informação apresentada anteriormente na definição, haja vista que é possível compreender que Benguela é uma região de Angola.

Lançando nosso olhar para a definição apresentada para a variante *banguela*, temos a informação que sua primeira datação no *corpus* utilizado para a elaboração do dicionário Houaiss e Villar (2011) foi em 1899. Contudo é possível atestar que seu uso se iniciou muitos anos antes, conforme se comprova no *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII*, em que *banguela* é utilizado pela primeira vez em 1791 para se referir a um escravo vindo da região de Benguela, tal como exposto no segundo exemplo do Quadro 1.

Relativo especificamente às definições apresentadas para *banguela* temos:

Regionalismo: Brasil. **1** m.q. **benguela** ('indivíduo', 'povo' e acp. adjetivas) **2** que ou quem se ressentir da falta de um ou mais dentes na parte frontal de uma ou de ambas as arcadas; **3** que ou quem pronuncia mal as palavras, como se não possuísse dentes na parte frontal da arcada; que ou quem fala incorretamente; banguelo.

Nesta definição é possível observar a junção de todas as outras observadas até aqui, uma vez que entende *banguela* se referindo: a um povo vindo da região Benguela; àqueles que não têm todos os dentes na parte frontal da arcada dentária e; àqueles que não

pronunciam muito bem as palavras, dando a impressão de que não possuem todos os dentes. Há ainda um outro informe muito pertinente nessa definição, a informação de que *banguela* é um regionalismo brasileiro.

Um outro dicionário selecionado para esta análise foi o de Ferreira (2000), o *Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*, uma vez que é uma obra que tenta abarcar apenas os sentidos atuais das palavras, não tendo a preocupação de informar seus sentidos anteriores. Esse revela-se importante para este trabalho uma vez que permite verificar se houve uma mudança efetiva nos sentidos das lexias. Desta feita, a lexia *banguela* é definida como: “ban.gue.la adj2g. e s2g. Bras. Diz-se de, ou pessoa cuja arcada dentária é falha na frente.” (FERREIRA, 2000, p.87).

Recorrendo ainda ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Cunha (2010), temos uma nova informação, qual seja: “*banguela* adj. s2g. ‘desdentado’ xx. Do top. *Benguela*, lugar onde os negros têm o hábito de arrancar os dentes incisivos das crianças de tenra idade” (CUNHA, 2010, p.79).

Conforme discutido anteriormente, a observância de fatores históricos e sociais é muito importante na compreensão das variações e mudanças pelas quais a língua passa. Deste modo, julgamos necessário trazer à baila alguns fatos históricos relativos à escravidão ocorrida em terras brasileiras e que podem ampliar nosso conhecimento acerca dessa unidade lexical.

De acordo com Barros (2014), os primeiros escravos africanos que aqui existiram provinham do tráfico de inúmeros países da África, dentre eles Angola, no qual há uma província chamada Benguela. E quando aqui chegavam, essas pessoas não tinham o direito de usarem seus sobrenomes, sendo chamados apenas por seus nomes próprios (que muitas vezes não correspondiam aos nomes recebidos em suas terras natais, mas eram dados pelos seus colonizadores quando no Brasil chegavam) e a denominação da região de onde vieram, conforme consta no segundo exemplo do Quadro 1.

Contudo, a referida autora alerta-nos para o fato de que essas classificações constantemente não coincidiam com as etnias de origem dessas pessoas escravizadas, mas provinham de uma classificação geográfica realizada pelos traficantes com base nos portos de embarque ou ainda com base em suas características físicas e habilidades de trabalho. A autora afirma ainda que:

Conforme se vê, o esquecimento das “etnias de origem” mostra-se estimulado tanto pela difusão das “etnias do tráfico”, destinadas a estabelecer identidades artificiais meramente sustentadas na geografia da captura e da exportação de escravos, como também pela já discutida construção da ideia de negro, capaz de unir africanos tão dispares como um homem-cegonha e um bosquímano, ou de abrigar sob o seu guarda-sol as inúmeras etnias do continente africano. (BARROS, 2014, p.91).

Ante todas essas definições e conhecimentos históricos é possível conjecturar, portanto, que a lexia *Benguela* inicialmente se referia a uma região de Angola (ver primeiro exemplo do Quadro 1) e também ao povo que lá nascia e vivia. Contudo, em virtude da escravidão ocorrida não apenas no Brasil, mas em inúmeros países, muitos desses povos foram enviados ao Brasil para serem escravizados ou continuarem a viver sob o jugo da servidão. Com o tempo passaram a ser chamados também pela variante *banguela*.

Além do mais, essa unidade passou a referenciar ainda aqueles indivíduos que eram desprovidos de dentes na arcada dentária em alusão a uma prática comum entres os benguelas de limarem os dentes incisivos de suas crianças. Com o passar dos anos, tal unidade léxica perdeu sua primeira conotação e passou a referenciar unicamente aqueles que não têm dentes e/ou que não articulam muito suas falas.

Em atenção ao que nos dizem as teorias do Léxico, podemos entender que essa mudança de sentido ocorreu em virtude da perda de referente, uma vez que, com a proibição do tráfico de escravos, ocorrida em 4 de setembro de 1850 pela Lei Eusébio de Queirós nº 581, não houve mais a entrada de pessoas vindas de Benguela para o Brasil ou pelo menos aqueles que continuaram sendo traficados dessa região não puderam mais receber essa classificação para assim burlarem a lei.

3.2 Freguesia e Freguês

Quadro 2 - abonações para as lexias freguesia e freguês

<p><i>Freguesia</i></p>	<p>E sahindo d'esta enseada, virando sobre a ponta da mão direita, vai correndo a terra fazendo um canto em espaço de meia leguat em a qual estão dois engenhos de bois, um de Tristão Rodrigo junto da ponta da enseada, defronte da qual á ilha de Maré está um ilhéu que se chama de Pacé, d'onde tomou o nome a terra firme d'este limite. Este engenho de Tristão Rodrigo tem uma fresca hermidã de Santa Anna. O outro engenho está no cabo d'esta terra que é de Luiz Gonçalves Varejão, em o qual tem outra igreja de Nossa Senhora do Rosario, que é <i>freguezia</i> d'esse limite.</p> <p>GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DA ENSEADA DA BAHIA, SUAS ILHAS, RECONCAVOS, RIBEIROS E ENGENHOS (PARTE SEGUNDA - TITULO 3) [A00_0179].</p> <p>Viviaõ os Pernambucanos na mayor opulencia, com ventagens em grandeza a todos os outros moradores do Brasil, mas taõ esquecidos da modestia, que naõ seguiaõ outras leys, que as da vontade, com escandalo da Justiça, commettendo muitos delictos, em que, por se ostentarem mais famosos no poder, pareciaõ menos observantes na Religião. Por estas causas prégando em huma das suas <i>Freguesias</i> hum Religioso grave com espirito Apostolico, e emphatico, reprehendendo em commum os vicios, e abusos da terra, e usando como em profecia de huma muy propria paranomazia, disse, que Olinda seria brevemente escrava de Hollanda.</p> <p>SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], LIVRO QUARTO [A00_0570].</p>
<p><i>Freguês</i></p>	<p>Umã sete para oito jornadas para a banda do Pará está a Capitania do Caethé, em o Donatario de M... de Mello. Chamou-se primeiro do Gurupy por lá estar a villa. Em meia aldêa tinham os Padres da Companhia de Jesus uma residencia de taipa de pilão, que parecia um conventinho, mas porque pareceu aos moradores que tinham poucas terras para mantimentos, mudaram a villa para o Caethé, sitio sadio de bons ares, mantimento, carne e peixe, mas não em aquella abundancia que em o Gurupy. Tem sua Igreja, Camara e Capitão Mór, e como são poucos os <i>freguezes</i>, e estes quasi todos pobres, não podem sustentar vigario e por isso lhes acode o Missionario da aldêa por caridade.</p> <p>PADRE. JOÃO FELIPPE BETENDORF (1910) [1699], [A00_0452].</p>

Fonte: Banco de Dados do DHPB.

Outras lexias em que observamos mudanças de sentidos no decurso do tempo foram *freguesia* e *freguês*. Bluteau (1728) define *freguesia* como sendo a igreja paroquial e também todo o limite territorial pertencente àquela paróquia, conforme se observa no seguinte trecho:

FREGUEZIA. Freguezia. A Igreja parrochial. *Paraeci.e templum, i. Neut.* Freguezia. O lugar da cidade, ou do campo, em que vivem os freguezes. *Paroecia, e. Fem.* Esta palavra he muyto antiga na Igreja Latina, & Grega.

Tambem *Parochia, e. Fem.* aindaque que pareça corrupto de *Paraecia* não deixa de ser muyto antigo. (BLUTEAU, 1728, p. 206, volume 4)

Seguindo essa linha de pensamento, define o freguês como “Aquelle, que mora em uma freguezia, ou que he de huma freguezia [...] Os Authores ecclesiasticos dizem Parochianus, ou Paraecus, que he palavra Grega, alatinada por Budeo, que na opinião de alguns, foy o primeiro, que ufou della nesta significação”. (BLUTEAU, 1728, p.206, v. 4). Contudo, traz uma nova acepção para essa palavra ao dizer que freguês também é aquele que compra sempre do mesmo mercador.

Silva (1789) e Vieira (1873) apresentam basicamente a mesma definição para *freguesia* definindo-a a partir de três significações: a primeira referindo-se à igreja paroquial, isto é, a uma construção física; a segunda relativa ao fato de se comprar sempre no mesmo local e; a terceira, tratando especialmente das pessoas que vivem em um mesmo ambiente. O mesmo ocorre na definição de freguês, ao listarem dois significados para essa unidade léxica, sendo eles: aquele que participa de uma paróquia e aquele que compra frequentemente em uma mesma tenda ou loja.

Ao consultarmos o *Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII* tomamos conhecimento de que *freguesia* foi empregada pela primeira vez em 1583, detendo o significado de igreja paroquiana, tal como ocorre no segundo exemplo do Quadro 2 para a lexia *freguesia*. Além disso, consta no referido dicionário que *freguesia* se referia ao limite territorial sob o qual uma determinada igreja poderia atuar. (vide primeira abonação para a lexia *freguesia* no quadro 2). Outra informação importante trazida no DHPB refere-se às variantes encontradas para *freguesia*, quais sejam: *freguezia, freguesia, freiguesia, freiguezia, frequezia, freizezia*.

Com relação à definição para *freguês*, duas acepções são apresentadas: “1. pessoa que frequenta ou pertence a determinada paróquia, freguesia; paroquiano. 2. Aquele que compra habitualmente em determinado estabelecimento comercial.” (DHPB, inédito, (v. III, p. 326-327). Assim como ocorre em *freguesia*, há uma série de variantes para *freguês*, tais como: *freguez, freiguez, freiges, freigues*.

Em Houaiss e Villar (2011) encontramos uma lista mais ampla de significações, com oito diferentes acepções. Vejamos:

Freguesia *Datação*: sXIII substantivo feminino **1** agrupamento, povoação paroquiana **2** igreja paroquiana; paróquia **3** agrupamento, conjunto de fregueses de uma determinada paróquia ou freguesia **4** Rubrica: direito comercial. conjunto dos consumidores habituais e ocasionais de um estabelecimento comercial **5** conjunto das pessoas que utilizam um mesmo bem ou serviço profissional; clientela Ex.: *médico de grande f.* **6** Derivação: por metonímia. costume de comprar ou fazer uso dos serviços de um determinado vendedor ou profissional **7** Regionalismo: Brasil. Uso: informal. qualquer parte do corpo humano Ex.: *a f. das pernas* **8** Rubrica: administração, política. Regionalismo: Portugal. nas províncias e cidades de Portugal, a menor divisão administrativa.

Nas acepções 1 e 3 observamos significados muito parecidos, contudo, acreditamos que no primeiro caso se refira exatamente a um grupo de pessoas que moram em uma determinada paróquia (entendida aqui como um espaço territorial), enquanto na outra diz respeito especialmente às pessoas que participam das cerimônias religiosas daquela paróquia, o que não implica necessariamente que elas vivam naquela região. Já na segunda acepção, freguesia pode ser compreendida como sinônimo de igreja, entendida como o templo religioso e não precisamente a instituição.

As acepções de números 4, 5 e 6 também compartilham de alguns semas, haja vista que todas entendem que *freguesia* é o nome dado para o conjunto de pessoas que normalmente compram no mesmo estabelecimento ou ainda que utilizam dos mesmos serviços ou profissionais. Nota-se nesses casos que *freguesia* atua como sinônimo de clientela.

Já nas acepções de números 7 e 8 são apresentados novos significados para a unidade léxica *freguesia*, os quais não encontramos em nenhuma outra obra lexicográfica consultada. Observamos assim que *freguesia* pode significar tanto uma parte do corpo humano (regionalismo brasileiro) como referenciar a menor divisão administrativa de uma cidade ou província (regionalismo português).

Acerca dessa última acepção, constata-se que antigamente no Brasil – no período Colonial – seguia-se os mesmos modelos administrativos vigentes em Portugal. Sendo assim, em nosso país as freguesias estavam incluídas na divisão administrativa de uma localidade, detendo um papel muito importante inclusive no título que esta receberia. Tal afirmação se confirma ao observarmos que apenas lugares mais desenvolvidos economicamente poderiam ser classificados como freguesias, no qual suas igrejas

passavam a ser chamadas de paróquias ou, como era comum denominar na época, de freguesias.

Volvendo nosso olhar neste instante para as definições presentes em Houaiss e Villar (2011) para *freguês*, verifica-se que em quase nada se diferem das demais obras já comentadas. Contudo trazem mais duas acepções com sentidos que ainda não foram tratados, referindo-se a qualquer indivíduo ou ainda podendo indicar uma pessoa que não é confiável, vista como “vadia” e “vagabunda”.

Por fim, em consulta ao dicionário de Ferreira (2000) para confrontar as definições, observamos que na definição de *freguesia* temos duas acepções diferentes: “Fre.gue.sia sf. 1. Povoação, sob o aspecto eclesiástico. 2. Concorrência de fregueses a estabelecimento ou vendedor; clientela” (FERREIRA, p.333). Contudo, na definição disposta para *freguês*, apenas um significado é apresentado: “Fre.guês s. m. Aquele que compra ou vende habitualmente a determinada pessoa. Comprador, cliente (FERREIRA p.333).

Em auxílio a essa análise, recorremos uma vez mais a Cunha (2010), o qual traz a seguinte definição e informação etimológica: “orig. dizia-se de ou o que pertencia à mesma paróquia” ‘mod. o que compra ou vende habitualmente a determinada pessoa, cliente’[...] Possivelmente do lat. hisp. *filiuecclesiae ‘filho da igreja, paroquiano’ (CUNHA, 2010, p. 301).

Ante a esses resultados, podemos observar que, embora as unidades *freguesia* e *freguês* tenham sua etimologia ligada ao campo religioso, atualmente elas não são muito empregadas pela Igreja Católica, que as substituiu, respectivamente, por paróquia e paroquianos. Além disso, é possível asseverar que essas unidades são empregadas, na maioria dos casos, para referenciar o campo comercial, indicando aqueles que compram rotineiramente de um mesmo comerciante.

3.3 Jornal

Quadro 3 - abonações para a lexia *jornal*.

<i>Jornal</i>	Hé certo que hum preto tirando formação dos lugares (mm), tirava 5 oitavas de Ouro por dia, livre das despezas ; mas isto não hé praticavel, se não depois de desmontada a terra inutil, que sobre está ao serviço Neste trabalho se perde a maior
----------------------	--

	<p>parte do tempo, de sorte que só a terça parte do anno se virá a gastar tirando formação : o resto do tempo se consome em dismontes inuteis, o que hé inevitavel ao mesmo tempo, até fazer-se huma larga praça e preparar serviço util para mais tempo. Nestas circunstancias o <i>jornal</i> ordinario he de trez quartos para cima em cada semana livres de despezas. Não parece compativel <i>jornal</i> tão diminuto, como o que se observa neste serviço, como a esperiencia seguinte. Tirada hua bateada da terra do lugar (mm) depois de lavada, e apurada esta, se acha hum Vintem de Ouro athe 5 outavas conforme o lugar:</p> <p><u>DOMINGOS VANDELLI (1899) [1653], <i>MEMORIA SOBRE AS MINAS DE OURO DO BRAZIL, POR DOMINGOS VANDELLI / MEMORIA SOBRE OS DIAMANTES DO BRAZIL, POR DOMINGOS VANDELLI</i> [A00_1136].</u></p> <p>Mas no caso, que se quisessem utilizar dos fructos das suas canoas; nenhũa injúria fariam às suas missões, e índios, a quem pagam o seu <i>jornal</i>, além de os socorrerem nas suas necessidades, curarem nas suas doenças etc. etc. Valha-nos Deus contra as más línguas; que hão de sustentar-se a sis, e talvez a suas famílias os curas, e párocos de toda a Europa, e de todo o mundo com os bens dos seus fregueses. [...]</p> <p><u>PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE QUINTA - EM QUE MOSTRA UM NOVO, E FÁCIL MÉTODO DA SUA AGRICULTURA: O MEIO MAIS ÚTIL PARA EXTRAIR AS SUAS RIQUEZAS, E O MODO MAIS BREVE PARA DESFRUTAR OS SEUS HAVERES PARA MAIS BREVE, E MAIS FACILMENTE SE EFEITUAR A SUA POVOAÇÃO E COMÉRCIO - TRATADO 6º - DAS MISSÕES DO AMAZONAS, E SEUS ESTADOS - CAP. 2º - DA REPARTIÇÃO DOS ÍNDIOS AOS SEUS MISSIONÁRIOS</u> [A00_1930]</p>
--	--

Fonte: Banco de Dados do DHPB.

Para encerrar nossas análises, lançamos nosso olhar para os significados atribuídos à lexia *jornal* ao longo dos anos. De acordo com Bluteau (1728, p.194, v. 4), esta pode ser entendida como “A paga, que se dá por hum dia de trabalho. *Diurna merces, edis. Fem. Horat.*” Em acorde com tal pensamento, em Silva (1789, p.191, v. 2)) encontramos a seguinte definição “A paga de cada dia, que se dá ao jornaleiro”. Deste modo, entende-se que jornal se refere ao pagamento diário feito àquele que trabalha por dia, a quem se chamava, em analogia a este termo, de jornaleiro. Esse primeiro sentido pode ser comprovado no segundo exemplo do Quadro 3, no qual se menciona o pagamento de jornal aos índios pelos serviços prestados.

Contudo, ao observamos o primeiro exemplo presente nesse mesmo quadro e que foi retirado do Banco de Dados do DHPB notamos que jornal é usado como sinônimo de pagamento, mas sem a especificidade de ser diário, posto que se fala sobre o recebimento

do jornal de uma semana, tal como expresso nessa passagem “Nestas circunstancias o *jornal* ordinario he de trez quartos para cima em cada semana livres de despesas”.

Outrossim, em Vieira (1873) e no *Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) – séculos XVI, XVII e XVIII* além desse primeiro sentido um outro é apresentado, vejamos: “Obra periódica que nos da a conhecimento das noticias politicas scientificas, e literarias,etc.; diario, periódico” (VIEIRA, 1873, p. 1206, v.3).

Na obra lexicográfica de Houaiss e Villar (2011) muitos sentidos relativos ao meio jornalístico são elencados:

²**jornal** *Datação:* 1825 substantivo masculino **1** Rubrica: jornalismo. publicação diária, com notícias sobre o cenário político nacional e internacional, informações sobre todos os ramos do conhecimento, entrevistas, comentários etc.; gazeta, periódico **2** Derivação: por extensão de sentido. qualquer periódico Ex.: *o j. de uma associação* **3** Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: jornalismo, radiofonia, televisão. noticiário transmitido pelo rádio ou apresentado na televisão **4** escrito em que é feito um relato cotidiano dos acontecimentos; diário.

Constata-se, assim, que jornal é empregado nesse campo semântico como uma publicação diária acerca de temas variados e que, com o tempo, por extensão de sentido, deixa de ser utilizado apenas para publicações impressas e passa a designar também programas de rádio e programas televisivos.

Ante os variados sentidos atribuídos a essa palavra, faz-se necessário recorrermos ainda ao dicionário etimológico. Assim, lançamos mão das definições presentes em Cunha (2010, p. 374), o qual apresenta o significado de jornal, a partir da unidade jornada:

jornada sf. ‘caminho, marcha que se faz num dia’ ‘expedição militar’ ‘duração do trabalho de um dia’ XIII. Do prov. *jornada*, de *jorn* e, este, do lat. *diurnum* (*tempus*), forma neutra substantivada do adj. *diurnus*, de *diēs* *diē* || **jorna** sf. ‘vagar, tempo desocupado, ócio’ XVIII; ‘dinheiro, salário’ 1881. Deriv. regress. de jornal || **jornad**EAR 1881 || **jornal** sm. ‘pagamento de um dia de trabalho’ XIII; ‘publicação periódica que noticia os acontecimentos políticos, científicos, literários e os mais diversos fatos’ 1873. Adapt. do fr. *journal*; na segunda acepção é abrev. da expr. (*papier*) *journal* ,do lat. *diurnālis*”.

Tal como mostrado nos outros dicionários, jornal apresenta dois significados. O primeiro deles remonta ao pagamento diário de um serviço (do qual sabe-se que é utilizado desde o século XIII) e o segundo, por sua vez, refere-se à uma publicação

periódica na qual são noticiados fatos de diversas naturezas (empregada pela primeira vez, até onde se descobriu, em 1873).

Dentre esses dois significados, verifica-se que no Banco de Dados do DHPB apenas o primeiro é contemplado. Isso se justifica porque, tal como citado em Cunha (2010), o primeiro registro conhecido de jornal com sentido de publicação diária foi em 1873. Ademais, conforme a historiografia brasileira, a imprensa surgiu no Brasil somente em 1808 com a chegada da família real portuguesa e, no entanto, o banco de dados é composto por documentos que datam até 1808. Embora o banco de dados contemple o ano de 1808, não encontramos nenhum documento que empregasse o item lexical jornal com essa significação.

Atentando-nos especificamente para a origem desta palavra, observa-se pela definição de Cunha (2010) que jornal é uma adaptação do francês *journal*, o qual por seu turno vem do latim *diurnālis*. A fim de comprovarmos tal afirmação, consultamos a definição de *journal* em um dicionário de francês, mais especificamente no Nouveau Petit Larousse Illustré (1956, p.553, tradução nossa):

JORNAL n. m. (de lat. *diurnalis*, diariamente). Escrito onde os fatos são contados dia a dia. Publicação periódica que fornece notícias políticas, literárias, científicas etc.: a "*Gazette de France*", de Théophraste Renaudot, foi a primeira da revista francesa. *Jornal falado, filmado*, notícia contada por T. S. F., apresentada no cinema. *Diário de bordo, de caminhada*, registro dia a dia das várias circunstâncias de uma navegação, uma expedição. Medida antiga de quanta terra um homem poderia arar em um dia. Registro no qual um comerciante coloca suas várias operações contábeis dia a dia. (Também dizemos LIVRO DE JORNAL).²

Assim como constatado nas demais definições apresentadas a partir da lexicografia da língua portuguesa, no Nouveau Petit Larousse Illustré (NPLI, 1956) também temos a unidade lexical *journal* sendo de origem latina e significando uma publicação diária na qual são contados fatos referentes à sociedade, em que pese o fato de não significar o pagamento diário.

² “**JOURNAL** n. m. (du lat. *diurnalis*, journalier). Ecrit où l’on relate les faits jour par jour. Publication périodique qui donne des nouvelles politiques, littéraires, scientifiques, etc.: la <<*Gazette de France*>>, de Théophraste Renaudot, fut le premier en date des journaux français. *Journal parlé, filmé*, actualités dites par T. S. F., présentées au cinema. *Journal de bord, de marche*, registre tenu jour para jour des diverses circonstances d’une navigation, d’une expédition. Ancienne mesure indiquant la quantité de terrain qu’un homme pouvait labourer dans um jour. Registre sur lequel un commerçant couche jour par jour ses diverses opérations comptables. (On dit aussi LIVRE JOURNAL)”.(NPLI, 1956).

Desta feita, apesar de termos poucas informações acerca da lexia *jornal*, acreditamos que tenha surgido para referenciar tarefas feitas diariamente (o que se justifica por originar-se do latim *diurnalis*) e que com o tempo, pelo critério de extensão de sentido, passou a designar aquilo que era feito diariamente, razão pela qual deu nome ao pagamento feito por dia de trabalho. Com relação ao significado de *jornal* enquanto período, este também veio da língua latina, mas por via francesa.

Considerações finais

Conforme se discutiu e pudemos observar mediante a análise das lexias, a língua está em constante movimento, fruto das interações estabelecidas entre os seres humanos, dos acontecimentos históricos, do estabelecimento de analogias e até mesmo pelas criações linguísticas criadas pelo homem. Tudo isso se deve ao fato de a língua ser viva e, como tal, permitir ser influenciada por fatos sociais, bem como interferir na realidade de seus falantes.

Em função disso, podemos afirmar que o léxico é o subsistema linguístico que melhor permite observarmos essas mudanças na língua, uma vez que ele é o subsistema que estabelece mais pontos de contato com a sociedade e a cultura de um povo. Como resultado dessa interação, o acervo lexical de uma determinada comunidade linguística nunca está fechado e acabado. De forma distinta, novas lexias surgem à medida que novas realidades são conhecidas ou criadas; algumas lexias, por sua vez, deixam de ser usadas quando o seu referente deixa de existir. Além disso, é comum que um mesmo item lexical seja utilizado com diferentes significados ao longo do tempo.

Prova disso encontra-se em *banguela*, *freguesia*, *freguês* e *jornal*, que sofreram modificações semânticas no decorrer da história da língua portuguesa. *Banguela* surge sob a variável *benguela* para designar uma região em Angola ou ainda aqueles nascidos em tal localidade. Com o tempo, passa a referenciar os que são desprovidos de dentes. As unidades léxicas *freguesia* e *freguês*, por seu turno, têm sua origem ligada ao campo religioso, contudo, por uma extensão de sentido, passam a indicar pessoas que frequentemente compram de um mesmo comerciante. Por fim, *jornal*, que detém em sua origem o sentido de diário, com o tempo passa a designar o pagamento diário feito a alguém, bem como as publicações diárias de notícias, sendo que atualmente é reconhecido

apenas no ambiente jornalístico, sem que este tenha necessariamente o caráter diário em sua programação.

Esperamos, assim, que este artigo possa contribuir para os estudos que estudam as mudanças semânticas observadas na língua, de modo particular, no léxico. Outrossim, ressaltamos que não tivemos a intenção de esgotar todas as possibilidades semânticas dessas lexias, uma vez que sendo a língua dinâmica, outros significados podem estar em uso na língua portuguesa e ainda não registrados nos dicionários.

REFERÊNCIAS

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolingüística Histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BARROS, José D'Assunção. **A construção social da cor: diferença e desigualdades na formação da sociedade brasileira**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (Coord.). **Banco de dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: Laboratório de Lexicografia/FCLAr, acesso restrito. Disponível em: <<http://lablex.fclar.unesp.br/philologic>>. Acesso em: 7 fev. 2019.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (Org.). **Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: Laboratório de Lexicografia/FCLAr. Não publicado.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Século XXI Escolar**. O minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011 [versão eletrônica].

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. A construção de um dicionário histórico: o caso do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII. **Estudos de linguística galega**, v. 6, p.199-216, 2014. Disponível em: <

<http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/2084/2007> >. Acesso em: 08 nov. 2017.

Nouveau Petit Larousse Illustré. Dictionnaire Encyclopédique. Paris: Librairie Larousse, 1956.

SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789. 2 tomos. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/2>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Ouvir o inaudível. In: _____. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008. p. 7-26.

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa**. Porto: Ernesto Chradron e Bartholomeu H. de Moraes Editores, 1871/1874. 5 v.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. I. **A língua como um sistema diferenciado**. In: _____. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2006. p. 87-126.